

ASSUNTOS ONTOLÓGICOS NA PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM

A ontologia ocupa-se da natureza da realidade. Dada à complexidade do mundo no qual se desenvolve a pesquisa em enfermagem, alguns pesquisadores utilizam as pesquisas qualitativas para trabalhar com essa realidade. Embora a temática esteja longe de ser resolvida de maneira conclusiva, vale a pena analisá-la, propondo um enfoque prático para a dicotomia realista-relativista.

A pesquisa qualitativa tem evoluído significativamente. No início abordava um assunto relativamente pouco problemático para pesquisá-lo e, na atualidade, aborda aspectos do mundo social que são considerados complexos. Assim como a pesquisa tradicional, a pesquisa qualitativa tem se preocupado por oferecer interpretações válidas, confiáveis e objetivas ao longo dos anos.¹ Esta é a perspectiva que afirma existir uma realidade conhecida independentemente da postura do pesquisador. O objetivo da pesquisa, neste contexto, é descobrir a realidade. Contudo, isto foi desafiado pelo pós-modernismo, quando se desenvolveu uma série de enfoques diferentes de pesquisa qualitativa, como a teoria fundamentada nos dados, a etnometodologia e a fenomenologia. O realismo foi considerado uma corrente que entrava em conflito com a ideia de que as pessoas constroem o mundo social interpretando-o, e que atuava com base nessas interpretações. Isto nos leva a pensar que não existe, de fato, uma realidade independente, que espera ser descoberta pelo pesquisador, mas que o mundo social se compõe de múltiplas realidades e perspectivas, e que cada uma é tão importante quanto a outra. Isto é conhecido como relativismo. Nesse sentido, o realismo e o relativismo se opõem e introduzem um problema filosófico para os pesquisadores qualitativos.

Existe uma tendência crescente, dentro da pesquisa qualitativa, para adotar a posição relativista, o que conduz Hammersley² a questionar a utilidade dos resultados gerados a partir dos estudos que utilizam este método, uma vez que a multiplicidade de achados produzidos poderia reivindicar sua legitimidade. Se todos os achados fossem legítimos, e tendo em consideração a conclusão lógica do relativismo, então não haveria razão para preferir um resultado a outro. Ou seja, as conclusões da pesquisa, elas mesmas, constituiriam um outro resultado, e como tal, não poderiam pretender ter precedência sobre qualquer outra. A relevância deste tipo de pesquisa pode ser questionada. Em outras palavras, se a pesquisa não está contribuindo para o conhecimento de uma forma significativa então sua utilidade poderia ser questionada, principalmente com relação à pesquisa no cuidado em saúde.³

O realismo e o relativismo representam duas perspectivas polarizadas em um *continuum* entre a realidade objetiva, em um extremo, e as múltiplas realidades no outro.⁴ Ambas posições são problemáticas para a pesquisa qualitativa. A primeira postura é incompatível com o princípio fundamental desta metodologia de pesquisa, enquanto a segunda nos leva a questionar assuntos relacionados com a função e utilidade da pesquisa. A adoção de uma postura realista ignora a forma como o pesquisador constrói as interpretações dos achados e assume que aquilo que é informado é uma cópia fiel de uma realidade conhecida e independente.⁴ O relativismo, por sua parte, leva à conclusão de que nada pode ser conhecido definitivamente, pois existem uma multiplicidade imensa de realidades e nenhuma delas tem prioridade sobre a outra, em termos de reivindicações para representar a verdade sobre os fenômenos sociais. Lembrando que a sociedade se apresenta tanto como realidade objetiva quanto subjetiva.

Para Hammersley,² a solução para enfrentar este paradoxo é não adotar nenhuma das duas posições, mas um meio-termo de ambas, denominado por ele de realismo sutil. Com isto, seria reconhecida a existência de uma realidade independente, e de um mundo com uma existência independente da nossa percepção, mas negaria o acesso direto a essa realidade, enfatizando a representação no lugar da reprodução dos fenômenos sociais. Em consonância com este modo intermediário, o autor aceita a utilidade do que denomina de conhecimento de senso comum, ao mesmo tempo que rejeita a ideia de que todo este

conhecimento é válido em seus próprios termos.² O ponto central é a rejeição da visão que o conhecimento é independente e que a realidade pode ser conhecida com certeza. Tanto o realismo quanto o relativismo compartilham essa perspectiva de conhecimento, pois ambos definem essa premissa como seu ponto de partida teórico. Por sua vez, isto gera a dicotomia atual na pesquisa qualitativa. O argumento é que, ao evitar tal definição, as consequências negativas para a pesquisa associada com as duas perspectivas filosóficas podem ser evitadas.

Ao propor a adoção de um enfoque realista sutil, Hammersley² está tentando resolver o problema aparentemente insolúvel do realismo face ao relativismo. A pesquisa qualitativa resiste à tendência de fixar significados, mas desenha inferências sobre os significado eles.³ Contudo, a tendência atual dentro da pesquisa qualitativa não é a de estabelecer uma distinção tão marcada entre o realismo e relativismo.¹

Os pesquisadores qualitativos não devem ficar excessivamente preocupados com as questões filosóficas, mas continuar sendo pragmáticos, já que a pesquisa é uma atividade prática. Embora tais ideias estejam descritas em um livro antigo, a postura de Hammersley ainda tem mérito e oferece uma forma útil de pensar sobre o debate realista-relativista, sem se envolver demais os com problemas filosóficos. Alguns problemas na pesquisa qualitativa ainda não foram resolvidos ou, dito de outra forma, a metodologia continua evoluindo e novos problemas vão surgindo. Isto é um reflexo da natureza dinâmica do pensamento metodológico. É evidente que a pesquisa qualitativa tem que adaptar a essas questões filosóficas ainda não resolvidas.

Tom Andrews Doutor, RN; BSc (Hons)

Professor de Enfermagem. Departamento de Enfermagem e Obstetrícia, Universidade de Cork, Cork, Irlanda

REFERÊNCIAS

1. Denzin N, Lincoln Y. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: Denzin N, Lincoln Y, editors. *The Sage handbook of qualitative research*. 4th ed. Thousand Oaks, CA: Sage; 2011. p. 1-17.
2. Hammersley M. *What's wrong with ethnography?* London (UK): Routledge; 1992.
3. Murphy E, Dingwall R, Greatbatch D, Parker S, Watson P. Qualitative research methods in health technology assessment: a review of the literature. *Health Technol Assess*. 1998; 2(16):iii-ix.
4. Andrews T. "What is social constructionism?" *Grounded Theory Review* [Internet]. 2012 Jun [cited 2016 Aug 22]; 11(1):39-46. Available from: <http://groundedtheoryreview.com/2012/06/01/what-is-social-constructionism/>